



DOI: 10.22476/revcted.v8.id558

ISSN: 2447-4223

NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA: UMA ABORDAGEM DE SI COMO EXPERIÊNCIA ESTÉTICA DE PESQUISADORAS EM FORMAÇÃO TECIDA NA COLCHA DE RETALHOS

Kiara Maia de Oliveira¹

 <https://orcid.org/0000-0003-3540-3881>

Universidade Cidade de São Paulo (UNICID), Professora da Rede Municipal de Ensino de Ubatuba, SP, Brasil

Nataly Chaves de Freitas²

 <https://orcid.org/0000-0001-9474-7882>

Universidade Cidade de São Paulo (UNICID), Professora da Rede Municipal de Castanhal, PA, Brasil

Kaylla Ariane Prado Barros Araújo³

 <https://orcid.org/0000-0001-6745-9957>

Universidade Cidade de São Paulo (UNICID), Rede Municipal de Ensino de São Sebastião, SP, Brasil

Margaréte May Berkenbrock-Rosito⁴

 <https://orcid.org/0000-0001-9010-1101>

Universidade Cidade de São Paulo (UNICID), Programa de Pós-graduação em Educação, São Paulo, SP, Brasil

| | | |
|---------------------------------|------------------------------|---------------------------------|
| Submetido em: 13/12/2021 | Aceito em: 29/12/2022 | Publicado em: 30/12/2022 |
|---------------------------------|------------------------------|---------------------------------|

Resumo

O presente artigo é resultado dos estudos realizados no projeto Narrativa (auto) biográfica pictórica: representações sociais na experiência estética dos percursos formativos. Com foco no

¹ Mestra em Educação pela Universidade Cidade de São Paulo (UNICID), professora da Rede Municipal de Ensino de Ubatuba-SP. E-mail: kiaramaiah@gmail.com.

² Cursando Doutorado em Educação na Universidade Cidade de São Paulo (UNICID), Bolsista Capes - PROSUP. Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia (UNAMA). Professora da Rede Municipal de Castanhal-PA. E-mail: nataly.unicesumar@gmail.com.

³ Cursando Mestrado em Educação na Universidade Cidade de São Paulo (UNICID), professora efetiva da Rede Municipal de Ensino de São Sebastião - SP. E-mail: kaprado@hotmail.com.br.

⁴ Possui Docente no programa de pós-graduação em Educação. Doutora em Educação (UNICAMP). E-mail: margarete.rosito@unicid.edu.br.



dispositivo formativo e investigativo “Colcha de Retalhos”, desenvolvido por Berkenbrock-Rosito (2014), como proposta de formação do professor, gestor e pesquisador por meio das narrativas (auto)biográficas em suas dimensões escrita, pictórica e oral. Assim, assume-se o conceito de estética em Schiller (2002), que reside na articulação entre o sensível e a razão, em Freire (2010), a estética como desenvolvimento da autonomia e emancipação. O conceito de Experiência Estética em Adorno (2000). Utiliza-se a metodologia Colcha de Retalhos (BERKENBROCK-ROSITO, 2014) para elaboração retalhos que compõem a história o percurso formativo de cada pesquisadora. Estas produções pictóricas são o objeto de análise deste estudo. A constituição da historicidade do pesquisador é de suma importância para um trabalho de pesquisa na abordagem qualitativa. Uma hermenêutica da narrativa (auto) biográfica permite ao pesquisador que ao narrar-se expresse o caráter histórico da tradição em sua visão de mundo. Nesta perspectiva, a historicidade das pesquisadoras é ampliada a partir do enfoque Hermenêutico, em Gadamer (2000, 2007), sobretudo, apresenta-se a arte de narrar na dimensão pictórica como uma possibilidade de um saber epistêmico, fazendo uso de diferentes linguagens: escrita, oral e pictórica.

Palavras-chave: Narrativas (auto) biográficas; “Colcha de Retalhos”; Experiência Estética.

(AUTO)BIOGRAPHICAL NARRATIVE: AN APPROACH TO THE SELF AS AN AESTHETIC EXPERIENCE OF RESEARCHERS WOVEN INTO “PATCHWORK QUILT”

Abstract

This article is the result of studies carried out in the project Narrative (auto) biographical pictorial: social representations in the aesthetic experience of training paths. Focusing on the formative and investigative device “Patchwork Quilt”, developed by Berkenbrock-Rosito (2014), as a proposal for training teachers, managers and researchers through (auto)biographical narratives in their written, pictorial and oral dimensions. Thus, the concept of aesthetics in Schiller (2002) is assumed, which resides in the articulation between the sensitive and reason, in Freire (2010), aesthetics as a development of autonomy and emancipation. The concept of Aesthetic Experience in Adorno (2000). The Patchwork Quilt methodology (BERKENBROCK-ROSITO, 2014) is used to elaborate patches that make up the history of each researcher's formative path. These pictorial productions are the object of analysis in this study. The constitution of the researcher's historicity is of paramount importance for a research work with a qualitative approach. A hermeneutics of the (auto)biographical narrative allows the researcher to express the historical character of the tradition in their vision of the world when narrating themselves. In this perspective, the historicity of the researchers is expanded from the Hermeneutic approach, in Gadamer (2000, 2007), above all, the art of narrating in the pictorial dimension is presented as a possibility of an epistemic knowledge, making use of different languages: written, oral and pictorial.



Keywords: Biographical(auto) narratives, “Patchwork quilt”, Aesthetic Experience

NARRATIVA (AUTO)BIOGRÁFICA: UNA APROXIMACIÓN AL YO COMO EXPERIENCIA ESTÉTICA DE INVESTIGADORES ENTRETEJIDOS EM “COLCHA DE RETAZOS”

Resumen

Este artículo es el resultado de los estudios llevados a cabo en el proyecto Narrativa (auto) biográfica pictórica: representaciones sociales en la experiencia estética de trayectorias formativas. Centrándonos en el dispositivo formativo e investigativo “Colcha de retazos” desarrollado por Berkenbrock-Rosito (2014), como propuesta de formación de docentes, gestores e investigadores a través de narrativas (auto) biográficas en su dimensión escrita, pictórica y oral. Así, se asume el concepto de estética en Schiller (2002), que reside en la articulación entre lo sensible y la razón, en Freire (2010), la estética como desarrollo de la autonomía y la emancipación. El concepto de experiencia estética en Adorno (2000). Se utiliza la metodología Colcha de retazos (BERKENBROCK-ROSITO, 2014) para elaborar parches que componen la historia del camino formativo de cada investigador. Estas producciones pictóricas son objeto de análisis en este estudio. La constitución de la historicidad del investigador es de suma importancia para un trabajo de investigación con enfoque cualitativo. Una hermenéutica de la narrativa (auto) biográfica permite al investigador expresar el carácter histórico de la tradición en su visión del mundo al narrarse a sí mismos. En esta perspectiva, la historicidad de los investigadores se amplía desde el enfoque hermenéutico, en Gadamer (2000, 2007), sobre todo, el arte de narrar en la dimensión pictórica se presenta como una posibilidad de un conocimiento epistémico, haciendo uso de diferentes lenguajes: escrito, oral y pictórica.

Palabras clave: Narrativa (Auto)Biografica, “Colcha de retazos”, Experiencia Estética.

1. Introdução

A temática do presente estudo é fruto das práticas do grupo de pesquisa, cujas discussões focalizaram o dispositivo formativo e investigativo “Colcha de Retalhos”, como proposta de formação inicial e continuada por meio das narrativas (auto) biográficas, em suas dimensões escrita, pictórica e oral, que constitui metodologia e epistemologia desenvolvidas, desde 2001, por Berkenbrock-Rosito.

O estudo insere-se no Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Cidade de São Paulo (UNICID), visando a contribuir com a linha de pesquisa Subjetividades, Formações e Aprendizagens, vincula-se a uma pesquisa maior cadastrada no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), coordenada por BerkenbrockRosito, intitulada “Narrativa (auto) biográfica Pictográfica: representações sociais



da experiência estética nos processos formativos”, é financiado pelo Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições de Ensino Particulares, associado à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (PROSUP-CAPES).

Esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa, composta de três elementos: o tema, o pesquisador e a metodologia, em consonância com Gatti (2007), em que se compreende que, na pesquisa em Educação, a relação destes três elementos é imbricada e não pode ser separada, haja vista que o resultado da relação do pesquisador com a temática, aparece na pesquisa e no mundo produzido por ela.

Estabelecemos como objetivo, compreender o caráter histórico da tradição na experiência estética, a partir das narrativas (auto)biográficas pictóricas sob o enfoque da hermenêutica. Consoante com os objetivos da pesquisa, assinalamos em Gadamer (2000), o enfoque hermenêutico como uma atitude filosófica aberta e necessária para a compreensão e interpretação do caráter histórico da tradição via subjetividade do intérprete.

Cabe a nós, nesse constructo, indagar se podemos compreender o caráter histórico da tradição, por meio da hermenêutica, nas narrativas (auto)biográficas pictóricas tendo em vista as potencialidades da experiência estética para o desvelar da realidade.

O estudo realizado inaugura uma proposta do grupo de pesquisa supracitado em que a narrativa pictórica passa a ser compreendida pela hermenêutica de Gadamer, cuja comprovação advém do levantamento realizado pelos pares, onde verificamos não haver publicações em que a hermenêutica seja o enfoque analítico das narrativas pictóricas. No entanto, a construção desse conhecimento tornou-se necessária, já que a “Colcha de Retalhos” possibilita esta dimensão de narrativa a ser interpretada.

O artigo foi construído contendo dois itens sobre a teoria, um item sobre a metodologia e em seguida apresenta-se uma análise e compreensão do objeto deste estudo, e as considerações finais.

2. “Colcha De Retalhos”: Alinhavando Uma Experiência Estética De Biografização

O dispositivo formativo “Colcha de Retalhos”, por meio de suas etapas, oferece e oportuniza a tomada de consciência estética das dinâmicas que orientam sua formação e que

refletem em sua profissão via diferentes registros de expressão de si, na forma oral, escrita e pictórica.

No quadro a seguir, podemos compreender com maior clareza as dimensões da “Colcha de Retalhos”, construídas por meio de etapas e estratégias que possibilitam a produção da narrativa (auto) biográfica.

Quadro 1: As dimensões da “Colcha de Retalhos”

| | Narrativa escrita | Narrativa pictográfica | Narrativa Oral |
|----------|---|--|---|
| 1ª etapa | Descrever três cenas marcantes de sua experiência formativa. | Buscar imagens e metáforas nos relatos escritos para a confecção do retalho, montar imageticamente sua narrativa | Contar a sua história e ouvir a história do outro |
| 2ª etapa | Elaboração do quadro “Linha da vida”. Realização de um mapeamento de momentos charneiras | Registros fotográficos realizados após a exposição da colcha pronta | Costura coletiva dos retalhos |
| 3ª etapa | Assistir ao filme Colcha de Retalhos, buscar metáforas significativas da sua história de vida, compondo assim a etapa da narrativa fílmica. | | Apreciação estética da obra “Colcha de Retalhos”, impressões e discussões acerca da construção coletiva |

Fonte: Elaborado pelas autoras (2021).

Neste artigo, a inter-relação dos campos teóricos e metodológicos nos leva a apresentarmos a “Colcha de Retalhos”, o dispositivo formativo assume dupla potência, como metodologia e epistemologia, que consiste em narrar suas experiências em três dimensões: a narrativa escrita, oral e pictórica, elaboradas em etapas e alcançadas por estratégias distintas. Neste estudo, elegemos a dimensão pictórica, que compreende buscar metáforas e imagens nas narrativas para a confecção do retalho, feito com materiais de papelaria e insumos artesanato, aproximadamente em tamanho de uma folha de papel A4, 297x210mm. Cada retalho emerge da narrativa de cada sujeito da pesquisa, tendo nele figuras simbólicas, carregadas de significados e emoções. Assim, espera-se promover a tomada de consciência de suas compreensões, por meio da reflexão sobre si mesmo em relação ao mundo, oportunizando a autonomia e a emancipação dos sujeitos em seu próprio processo formativo, processo do qual



emergem elementos repletos de significados, sentimentos e sensações, e que podem ser desvelados por meio da “Colcha de Retalhos”.

A colcha permite a biografização, que pode ser descrita como uma competência que nos é imposta pelo processo da modernidade. Tudo o que vivenciamos e experienciamos deve passar através de nós (LARROSSA, 2002), e se manifestam por meio dos nossos modos de interpretar e comunicar. O mundo no qual vivemos e somos capazes de agir é o mundo que nós construímos e obviamente dependem de impulsos que nos pressionam de fora para dentro e de dentro para fora. A biografização é, então, a capacidade de combinar esses processamentos internos com as condições externas de sociabilidade. Com isso surgem processos de aprendizagem no individual, mas ao mesmo tempo também processos de mudança no social. A biografização é, por isso, um recurso para moldar o mundo. As condições externas tornam-se experiências de vida, históricas e sociais, e nos colocam em constante reflexividade biográfica (SOUZA, 2006).

A dimensão estética das narrativas, por meio da imagem dos retalhos, revela percepções estéticas prenes de criatividade, do que é belo e do que é feio, de emoção contidas no imaginário educacional, “[...] campo da poética, da criação de novos sentidos, de analogias, do uso de metáforas e símbolos” (BERKENBROCK-ROSITO, 2014, p. 57). Nessa ótica, a “Colcha de Retalhos” se revela como um dispositivo que torna possível a experiência estética.

Nesse viés, é preciso explicar que a experiência estética assume um cunho crítico-formativo em que a história narrada nos retalhos traz consigo elementos figurativos e simbólicas que emergem do âmbito daquilo que afeta o sujeito, da fruição e das sensações. Segundo Adorno (2000), “[...] a experiência estética deve tornar-se filosofia, ou então não é nada” (ADORNO, 2000, p. 152), para tanto ocorre diante da arte autônoma que, em oposição a uma concepção científica e materialista, rompe com a lógica da racionalidade instrumental, em que se pode atribuir sentido à vida em um espaço de liberdade, o que acarreta na possibilidade de um momento que perpassa da reflexão, para a crítica e à interpretação. Assim, a experiência estética possibilita a autonomia do pesquisador em relação ao desvelo da sociedade em que se insere, que funciona sob a lógica da opressão, da segregação e também da semiformação do sujeito. Para Adorno (2020), a semiformação está ancorada em uma educação que deforma a



consciência e que atua e reforça a lógica da cultura a serviço do capital. Nesse contexto, para o autor, a educação poderia estar endereçada a alienação do homem.

A narrativa pictórica é o objeto de análise deste trabalho, com dupla potencialidade, outrora as pesquisadoras que participaram do dispositivo “Colcha de Retalhos”, e desta vez entram em cena como pesquisadoras que buscam compreender o caráter histórico da tradição, na experiência estética vivenciada como narrativas (auto)biográficas pictórica, a partir das observâncias dos retalhos sob o enfoque da hermenêutica via subjetividade das intérpretes como uma atitude filosófica.

Tornando ao propósito desta pesquisa, compreendemos que este estudo encontra-se alocado em uma corrente de pesquisa-ação-formação em assentimento também com Pineau (2006, p. 8), inicialmente quando afirma que “sua aposta biopolítica é a da reapropriação, pelos sujeitos sociais, da legitimidade de seu poder de refletir sobre a construção de sua vida”. Em conformidade com Souza (2006), na investigação/formação as narrativas são as práticas deste processo, já que permitem ao sujeito em formação compreender que suas experiências ao longo da vida estão estritamente ligadas ao conhecimento e aprendizagem. “Além de tornar possível a compreensão é possível potencializá-las nos percursos de formação” (SOUZA, 2006, p. 136).

3. Pesquisa Formação: Costurando Narrativas (Auto) Biográficas Pictóricas e Educação Estética

A narrativa (auto) biográfica, do ponto de vista da grande linha das subjetividades, se abre como possibilidade de pesquisa-formação (PASSEGGI, 2016) por considerar e eleger ao cerne da discussão as ideologias, experiências, valores e crenças de quem pesquisa. Nesse sentido, iniciamos apontando que o termo (auto) biográfico alude a uma função formativa do discurso autobiográfico na pesquisa-formação, e também “[...] como prática de formação geradora de uma outra forma de produzir conhecimento em educação” (PASSEGGI, 2016, p. 70).

Com relação aos trabalhos com as histórias de vida, Josso (2007) esclarece que para que se compreenda os processos formativos, é necessário compreender que a formação ocorre em diferentes situações e espaços nas experiências de vida. Nessa ótica, aponta a narrativa



autobiográfica como uma forma de conhecer e produzir conhecimento, de modo que na pesquisa (auto) biográfica, as experiências se revelam como uma questão central para a composição e entendimento do modo como os sujeitos significam a sua realidade, considerando também as relações e dinâmicas culturais e sociais no decorrer de sua história.

Nesse sentido, a natureza do discurso (auto) biográfico consiste na maneira com que o ser humano organiza narrativamente suas experiências em uma certa cronologia, sob a premissa de que a pessoa, ao longo de sua vida, utiliza a “[...] linguagem, o grafismo, o desenho, os gestos, as imagens” (PASSEGGI; SOUZA, 2017, p. 8), para interpretar-se. Consoante, Freire (1996) acredita que assim, por meio das suas experiências, é possível alcançar a compreensão também de processos identitários endereçados à ascensão de si como sujeito criador de história e cultura.

Cabe compreender que a narrativa (auto) biográfica pictórica se abre como uma proposta de educação estética em consonância a Schiller (2017), o verbete estética⁵, em sua obra abrange um vasto leque de significações da ideia da beleza, da realidade da arte, manifestações artísticas, formas da percepção sensível e sentimentos. Para Schiller (2017), a dimensão estética é própria de toda vida humana, compreende-se na arte, mas a transcende, no gosto ou desgosto, na beleza, e nas relações que estabelecemos conosco, com o outro e com o mundo. Convidamos Shor e Freire (1996), na intenção de ampliar o entendimento acerca de Educação Estética e Narrativas, em que as relações consigo, com o outro, ou com o conhecimento, como a arte nos exigem domínios sensíveis. Além disso, a dimensão estética ocorre à medida que “[...] quando aquilo que nos toca, nos ensina e nos transforma, nos potencializa e nos projeta para possibilidades” (GALEFFI, 2007, p. 110). Para Freire, a educação deve estar fundada na “decência e boniteza” (FREIRE, 1996, p. 14), ética e estética para o respeito e a defesa da dignidade dos sujeitos e o desenvolvimento harmonioso dessas dimensões possibilita e sustenta a autonomia. Para Schiller,

[...] dizer que toda a ilustração do entendimento só merece respeito quando reflui sobre o caráter; ela parte também, em certo sentido, do caráter, pois o caminho para o intelecto precisa ser aberto pelo coração. A formação da sensibilidade é, portanto, a

⁵ A palavra estética é utilizada neste trabalho e na obra de Schiller (2017) respeitando o sentido atribuído por Baumgarten (1993) em *A esthetica*, designando o que se refere às sensações e a sensibilidade.



necessidade mais premente da época, não apenas porque ela vem a ser um meio de tornar o conhecimento melhorado eficaz para a vida, mas também porque desperta para a própria melhora do conhecimento. (SCHILLER, 2017, p. 46)

Para nós, a luz da Educação Estética Schilleriana, a narrativa pictórica ao utilizar os sentimentos e as sensações, despertados pelo prazer e pela beleza, como potencializados de uma educação, não só bonita, prazerosa, mas também ética e, que encaminhe o homem à autonomia, a liberdade, como conciliadora da razão e da sensibilidade. A Educação Estética compreende o homem também como ser sensível, que é afetado pela beleza, pela arte, ou mesmo pelo prazer como assevera Schiller (2017). Assim, admitimos que os elementos imagéticos impulsionam a aprendizagem e a formação de um ser humano integral, mas em construção (SHOR; FREIRE, 1996).

Para Perissé (2014, p. 36), “a composição pictórica”, enquanto arte, nos educa na medida em que atrai nossa visão, encanta nossa audição, age sobre a nossa imaginação e dialoga com a nossa consciência. Não apenas reagimos à obra, mas nos sentimos convidados a agir criativamente por meio dela e caminhamos para uma nova compreensão da realidade e de nós mesmos. Para o autor, a arte nos ajuda a “descobrir as facetas ignoradas do nosso entorno” (PERISSÉ, 2014, p. 33).

Josso (2006), ao que concerne a dimensão do ser de Imaginação, aponta a relevância das realidades imaginárias e das obras artísticas como fontes de referência para compreensão das experiências vividas. Os laços criados sob o viés desta dimensão permitem adotar sobre si mesmo novas formas de atribuir sentido ao vivido, e pelo ato de narrar-se, mediar a sua visão de mundo. Nesta perspectiva, podemos inferir que a sensibilidade nos permite a conexão com o mundo.

Contudo, Perrissé (2014), aponta que para essa conexão é necessário um movimento hermenêutico, de interpretação e crítica em relação à beleza criada, nas palavras do autor,

Da visão estética chegamos a uma cosmovisão, a uma hermenêutica geral, a uma leitura interpretativa do mundo. O que implica uma alfabetização estética unida ao desenvolvimento da inteligência e ao crescimento espiritual (PERISSÉ, 2014, p. 22).

Diante disso, faz-se urgente a necessidade de uma alfabetização estética que nos possibilite tanto o desenvolvimento cognitivo, inteligível, quanto desenvolvimento sensível,



concebendo que essas faculdades são imbricadas, independentes e dependentes ao mesmo tempo (SCHILLER, 2017).

Para Berkenbrock-Rosito (2009), o desenvolvimento harmônico de razão e sensibilidade pode ser alcançado por meio das

[...] imagens [que] não se esgotam nas sensações e percepções das emoções. Se uma imagem me arrebatava e tomo consciência do que sinto é uma experiência. De forma análoga à razão, a imagem produz um saber, um conhecimento de sensibilidade. (BERKENBROCK-ROSITO, 2009 p. 497)

No campo imagético, que se abre na feitura dos retalhos, o processo de narrar a si por imagens e metáforas torna possível construir a autobiografia pictórica e possibilita, por meio do enigma, novos significados e sentidos para as relações que os sujeitos instituem entre si no contexto em que estão inseridos socialmente.

[...] a correspondência da poesia com a obra pictórica ou escultórica é encontrada, não raro, num movimento gradual de aproximação, até ao ponto em que a perspectiva se anula e dá lugar a uma reversibilidade do olhar que é da ordem do enigma (REYNAUD, 2001, p. 42).

É preciso também considerar e interpretar os elementos que aparecem nos retalhos com que os sujeitos produzem significados em relação ao seu percurso formativo, revelando uma lógica cultural, social e histórica que expressa também uma realidade (ADORNO, 2000).

4. Percurso Metodológico, Definição do *Corpus* e Apresentação dos Sujeitos da Pesquisa Formação

Neste item, apresentaremos os caminhos utilizados pelas pesquisadoras para a construção deste artigo. Iniciamos com Gatti (2007), quando aponta que “[...] pesquisar em educação significa trabalhar com algo relativo aos seres humanos ou com eles mesmos em seu próprio processo de vida” (GATTI, 2007, p. 12). Para corroborar a escolha da abordagem qualitativa desta pesquisa, buscamos fundamentação em Yin (2016), que aponta ser fundamental olhar para as condições do *Corpus*, do objeto de análise, dos objetivos e do problema. Também, por estar insculpido características como, estudar experiência de vida de pessoas, representar opiniões e sentimentos, condições contextuais, contribuir com revelações



sobre conceitos existentes ou emergentes que possam ajudar a explicar o comportamento social humano e empenhar-se por usar múltiplas fontes de evidência.

O *corpus* de análise constitui-se por três retalhos, também chamados de narrativas pictóricas. Os retalhos emergem do dispositivo “Colcha de Retalhos”, em que cada sujeito da pesquisa participa do processo formativo confeccionando sua narrativa, utilizando materiais de papeleria e insumos de artesanato, aproximadamente em tamanho de uma folha de papel A4, 297x210mm, e que neste artigo encontra-se em formato de imagem fotografada do artefato - JPEG (imagem). Nos retalhos, as formas, cores, figuras simbólicas e são oriundas das histórias de cada sujeito desta pesquisa, podendo ser caracterizadas aqui, como objeto singular com dimensão social.

Considerando que esta proposta de pesquisa está inscrita no campo da pesquisa formação (auto) biográfica e o *corpus* apresentado é composto de narrativas e experiências estéticas pessoais, sendo que neste artigo ganhará dimensão pública, optamos por manter a isonomia das pesquisadoras/autoras ao apresentá-las, então decidimos adotar um pseudônimo para identificar a autoria dos retalhos pictóricos, a saber, serão nominadas como as Cárites, ou seja, musas do encanto, da beleza, da natureza, da criatividade humana e da fertilidade, que dançavam juntas à luz da Lua. Geralmente eram consideradas três: Eufrosine - aquela que alegra o coração, Aglaya - o esplendor e beleza, e Talía - aquela que faz florescer. Na sequência, anunciamos os sujeitos desta pesquisa em concordância com os aspectos relacionados ao percurso formativo e seus desdobramentos.

Quadro 2 - Apresentação dos sujeitos da pesquisa formação

Eufrosine: Inaugura a vida com seu nascimento no dia 03 de abril de 1988, em cidade do interior. Estudante de escola pública durante toda educação básica, foi aprovada no vestibular logo após o término do ensino médio, cursou Licenciatura em Matemática com muita dificuldade, principalmente por ter lacunas de aprendizagem básica em matemática. Na busca por melhor formação e outras oportunidades, formou-se em Artes Visuais e Pedagogia, tendo oportunidade de fazer especialização e mestrado. É funcionária pública efetiva e pesquisadora.



Aglaya: Passou a existir no ano de 1989, em uma grande metrópole. Estudou em escola pública onde teve um difícil relacionamento com a escola, assim, concluiu o ensino médio pelo EJA e lá se descobriu aluna. Alguns anos se passaram e em meio à crise retornou aos estudos e se percebeu professora e, não se permitindo mais parar de estudar, ingressou em sequência no programa de mestrado, em que se revelou como pesquisadora.

Talía: Nascida em situação adversa em cidade do interior, em 1985, filha da escola pública e hoje professora por amor. Coursou sua primeira graduação em Letras com grande suor e sacrifício. A pós-graduação em Literatura veio como uma forma de descoberta de um amor, e a arte literária e seus desdobramentos passaram a ser seu guia para com os alunos. Hoje é funcionária pública efetiva, pesquisadora e coordena um projeto de literatura e teatro com alunos da educação básica.

Fonte: elaborado pelas autoras (2021).

A intenção das apresentações acima, é de criar um duplo espaço heurístico que age sobre cada uma das envolvidas na formação promovida pela narrativa (auto)biográfica, um espaço do sujeito na posição de entrevistador de si mesmo; o espaço do pesquisador, cujo objeto próprio é criar as condições e compreender as narrativas dos sujeitos sobre si mesmo (DELORY-MOMBERGER, 2014).

Nesse sentido, conforme Passeggi (2016), propomos pensar o sujeito como biográfico do autoconhecimento, da reflexão crítica, feito de experiências, conciliador do sujeito epistêmico e empírico e para nós, entre a razão e a emoção. Essa chamada travessia do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico se torna possível por meio da experiência estética da narrativa pictórica na Colcha, como dispositivo de pesquisa-formação, no “[...] desafio de falar de si, de refletir sobre si” (PASSEGGI, 2016, p. 71) se tornando autor, ator e agente social.

Ademais, a narrativa (auto)biográfica pictórica possibilita analisar possíveis implicações da utilização deste recurso metodológico como fértil para a compreensão do caráter histórico da tradição por meio da hermenêutica nas narrativas (auto)biográficas pictóricas.

Cada retalho será compreendido reconhecendo a narrativa (auto) biográfica pictórica da Colcha como arte autônoma que possibilita a experiência estética e tomando como base os



estudos de Gadamer (2000, 2007), revelando a capacidade humana de interpretar sua própria realidade, podendo ser atravessada pelo conjunto complexo de elementos informativos, cognitivos, ideológicos, normativos, crenças, opiniões, valores, imagens e atitudes.

Com isso, o caminho proposto pela hermenêutica Gadameriana revela uma gênese filosófica e não uma postura de técnica hermenêutica, o que se configura é uma estrutura dialética e investigativa, em que percebemos a possibilidade de elaboração de conhecimento por meio da narrativa pictórica. Dessa forma, via autenticidade composta por meio da relação da hermenêutica dialética em Gadamer, o que nos proporciona possibilidades de ser próprias do retalho é justamente a “coisa-mesma”, assim, estabeleceremos um diálogo autêntico juntamente com a tradição abundante em significados expressados no retalho, e assim interrogar o mundo que se compreende por meio da própria abertura provocada pela interpretação estabelecida a cada experiência vivida pelo intérprete (GADAMER. 2007, p. 174).

5. Narrativas Pictográficas: Arrematando Experiências Estéticas das Pesquisadoras em Formação

Iniciamos apresentando as narrativas (auto)biográficas pictóricas das pesquisadoras, elaboradas no dispositivo formativo e investigativo “Colcha de Retalhos”. Para tanto, adotamos em Gadamer (2000), que a compreensão é um caminho para trazer luz às circunstâncias com as quais se compreende. Ora, é uma abertura ao sentido que guarda em si a alteridade, a singularidade e o caráter histórico. Para Gadamer (2007), o que pode ser compreendido é a linguagem, que se utiliza de signos, símbolos e textos. Nesse sentido, o autor apregoa que se deve ter cuidado para que a obra não seja reduzida num simples símbolo, entretanto, para o autor os símbolos possivelmente possuem um código oculto que necessita ser desvelado para assim ser compreendido.

As narrativas pictóricas apresentadas a seguir, em formato de fotografia, trazem as figuras de retalhos construídos manualmente, com representatividade e autenticidade, criatividade e originalidade de cada pesquisadora. Neste ato a seguir, revelamos um construto analítico, em que o que sucede cada imagem são as compreensões (auto) biográficas subjetivas das narrativas pictóricas a partir da experiência estética, intencionando perceber o horizonte

histórico da tradição. Para a análise, elegemos compreender os elementos que expressam o papel do processo formativo nas vidas das autoras:

Figura 1 - Retalho da pesquisadora em formação Eufrosine



Fonte: criação pictórica da autora Eufrosine (2021)

A tradição da qual está narrativa pictórica revela, também se desdobra em verso e anverso, como sujeito interpretante apontando para a superfície da interpretação, deixando aparecer que a tradição e a história são reveladas neste retalho. Ao pensar no processo formativo, e todas as histórias que atravessam a vida da Eufrosine, ela se imagina dirigindo um carro, sendo que esta é a construção estética que deu conta de interpretações que se desdobram em relação a essa cena. Foi pensado em uma mulher ao volante de um carro, que ocorreu a compreensão literal e metafórica do retalho. Sendo este carro objeto da modernidade, que ganhou uma versão contemporânea ao ser pilotado por uma figura feminina sozinha. A liberdade é figurada pelos múltiplos significados que esta mulher carrega em sua bagagem histórica, entre elas destaque: as mulheres da família de Eufrosite que não tinham a liberdade conquistada por ela, por conta do modelo social e familiar restritivo; o carro metaforicamente pilotado por ela, é uma tentativa de comunicar a conquista da independência financeira, esta

que só foi possível através dos processos formativos, em que a profissionalização ocorreu ver Quadro 1. Pilotar um carro, assim como pilotar sua própria vida, tendo liberdade de decidir quando quer ir, e quando quer voltar, demonstra uma ruptura com a tradição histórica brasileira em que o modelo de família paternalista direciona a mulher para um sistema cíclico de domínio e limitações, e que vem sendo rompido pelas gerações da modernidade, e consolidado na contemporaneidade, isso nos permite interpretar essa realidade por meio dos cenários sociais, sendo eles, econômicos, políticos e educacionais.

Figura 2 - Retalho da pesquisadora em formação Aglaya



Fonte: criação pictórica da autora Aglaya (2020)

Para compreender o sentido do retalho em um horizonte histórico, por meio dos elementos pictóricos, busca-se o sentido da figura da menina que, sobre um arco-íris, caminha para o grande livro. O grande livro foi representado como um ideal, indicando que a tradição em sua família e em seu tempo supõe o conhecimento como único caminho para a uma possível melhoria de vida, revela ainda a supremacia da ciência na sociedade pós-moderna, simbolizada pelos prédios. O livro expressa o papel da formação e de sua relação com o conhecimento que, para Aglaya, é uma dimensão importante em sua vida. Nesse sentido, a criança que se coloca

acima do prédio mais alto revela a autonomia e emancipação na busca do conhecimento, que aparece distante, em construção. Nessa ótica, o conhecimento agiu para a elevação social da pesquisadora, visto que a menina está em ascensão, é possível percebê-la se modificando e libertando-se das amarras que a aprisionavam, entretanto, a tradição aqui revela que o caminho para a emancipação é longo. Percebemos a menina caminhando solta no arco-íris, os seus os pés não tocam chão, o que indica o potencial libertador do papel formativo, que para ela simboliza um caminho mais aberto. Em ressignificação, descobre que o pote de ouro estava no caminho e que o arco-íris expressa a virtude das pessoas e dos espaços que ocupou, a riqueza que emana das histórias nos laços que se entrelaçam, feito pontos de crochê. Portanto, o retalho revela uma imagem como marca do tempo, em que o processo formativo significa autonomia e emancipação para Aglaya.

Figura 3 - Retalho da pesquisadora em formação Tália



Fonte: criação pictórica da autora Tália (2021).

A narrativa pictórica acima revela-se pela relação de Tália com as figuras femininas de sua família que a antecederam, relação essa permeada pelo símbolo da cruz, compreendido aqui



como um elemento da tradição, visto que é um símbolo do cristianismo que atravessa a história da pesquisadora em seu processo formativo, por uma perspectiva de sacrifício e redenção. Tal sacrifício irrompe da historicidade de mulheres fortes que foram oprimidas de diversas maneiras nos tempos em que estavam inseridas, mas que resistiram, possibilitando que a beleza sobrepusesse o caos. A figura do capelo revela a ascensão profissional e acadêmica da pesquisadora, que rompe com o ciclo tradicional das mulheres de sua família, possibilitado pelo sacrifício das que a antecederam e lutaram para que Tália fosse portadora de um processo emancipatório. Apesar de suas narrativas serem permeadas pela dor, a narrativa da pesquisadora foi permeada pela autonomia, e uma nova escrita narrativa teve início para aquela família.

Em resumo, das confecções dos retalhos advém, a partir da narrativa (auto) biográfica escrita e que é transposta para uma narrativa pictórica, e nessa centelha de transposição, figuras e símbolos são transmutados, uma compreensão imagética de si em relação à tradição, como no caso acima, de Aglaya, Eufrosine e Tália. Logo, os retalhos são uma expressão imagética do caráter histórico da tradição, em que o desvelar é fruto da reflexão promovida pela experiência estética da “Colcha de Retalhos”.

6. Considerações Finais

Retomamos o que foi proposto nesta pesquisa apontando para o objetivo, na intenção de compreender o caráter histórico da tradição na experiência estética, a partir das narrativas (auto)biográficas pictóricas sob o enfoque da hermenêutica. Consoante com os objetivos da pesquisa, assinalamos em Gadamer (2000), o enfoque hermenêutico como uma atitude filosófica aberta e necessária para a compreensão e interpretação do caráter histórico da tradição via subjetividade do intérprete.

Isso foi possível, visto que a capacidade de interpretar a si mesma para produzir a narrativa pictórica, e posteriormente analisar os retalhos produzidos em uma pesquisa-formação com enfoque hermenêutico, gerou uma zona de aproximações.

Podemos inferir que essa relação dialógica entre o ser e a representação de si e do mundo que se realiza pela biografização nos confere, por meio da “Colcha de Retalhos”, um modo particular de existência, pela possibilidade de voltar-se sobre si mesmo, atribuindo sentido ao



vivido, o que torna possível (re)significar as experiências vividas e o modo como as representamos socialmente, por meio da linguagem em sua forma pictórica. Dessa forma, toda criação do espírito humano receberá uma filiação por parte da história.

Como porta-voz da tradição histórica na qual as pesquisadoras se encontram inseridas existencialmente, suas experiências estéticas demonstram um contexto histórico social de opressão, em que os processos formativos são a força da resistência em direção ao rompimento com alguns aspectos da tradição, especialmente aos relacionados à educação, profissionalização e percepções sensoriais do mundo externo.

7. Referências

- ADORNO, T. W. **Teoria estética**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ADORNO, T. W. **Indústria cultural**. São Paulo: Editora Unesp, 2020.
- BAUMGARTEN, A. G. **Estética: A lógica da arte e do poema**. Trad. Míriam Sutter Medeiros. Petrópolis: Vozes, 1993.
- BERKENBROCK-ROSITO, M. M. Retalhos imaginativos: a dimensão estética nos processos formativos autobiográficos. **Cadernos de Educação**. Pelotas, v. 48, p. 52-65, maio-agosto 2014.
- BERKENBROCK-ROSITO, M. M. Colcha de Retalhos: história de vida e imaginário na formação. **Revista do Centro de Educação**. Santa Maria, v. 34, n. 3, 2009.
- DELORY-MOMBERGER, C. Experiência y formación: Biografización, biograficidade y Heterobiografía. **RMIE**, Mexico. v. 19, n. 62. p. 695 – 710, set. 2014.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n.19, jan./abr. 2002, p. 20-28.
- GADAMER, H. G. et. al. **Hermenêutica Filosófica: nas trilhas de Hans-Georg Gadamer**. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- GADAMER, H. G. **Verdade e Método I: Traços fundamentais da hermenêutica filosófica**. Trad. de Flávio Paulo Meurer, nova revisão da tradução por Enio Paulo Giachini. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2007.



GALEFFI, D. A. Educação estética como atitude sensível transdisciplinar: o aprender a ser o que se é propriamente. **Em Aberto**, Brasília, v. 21, n. 77, p. 97- 111, jun. 2007

GATTI, B. A. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Liber Livros, 2007, p. 15-86.

JOSSO, M. C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**. Porto Alegre/RS, n. 3, p. 413-438. set/dez, 2007.

JOSSO, M. C. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. **Educ. Pesqui.** 32 (2) ago 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ep/a/s6NdwjwQC6LGVHJWXNb9753R/?lang=pt>> Acesso em: 20 mar. 2021

PERRISÉ, G. **Estética & Educação**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

PASSEGGI, M. C. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. **Roteiro**, Joaçaba, v. 41, n. 1, p. 67-86, jan./abr. 2016.

PASSEGGI, M. C.; SOUZA, E. C. O movimento (auto)biográfico no Brasil: esboço de suas configurações no campo educacional. **Revista Investigación Cualitativa**, v. 2, n. 1, p. 6-26, 2017.

PINEAU, G. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e pesquisa**, v. 32, p. 329-343, 2006.

REYNAUD. M. J. **Fernando Echevarría - Enigma e Transparência**. Porto: Caixotim, 2001.

SCHILLER, F. **A educação estética do homem**. São Paulo: Iluminuras, 2017.

SHOR, I; FREIRE, P. **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor**. Trad. Adriana Lopez. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

SOUZA, E. C. de. Pesquisa narrativa e escrita (auto) biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: ABRAHÃO, Maria Helena; SOUZA, Elizeu Clementino de. (Org.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 135-147.

YIN, R. K. **Pesquisa qualitativa: do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.